

Oficinas despertam projeto mais ambicioso de aluna

Silvia da Silva Santos, 50 anos, sempre sonhou com a carreira musical. Cantar não era apenas hobby, mas fazia parte de um projeto mais ambicioso. Desde a adolescência, ela queria ser uma cantora profissional, mas a falta de oportunidade lhe impedia de avançar neste projeto.

“Os cursos eram caros. Queria também aprender violão e percussão, mas não tinha condições de pagar”, lembrou.

Não era só a falta de oportunidade na música que incomodava Silvia. Ela buscava um emprego melhor. Há dois anos trocou a Baixada Fluminense por Maricá. E sua vida mudou.

“Fiquei encantada com a cidade, onde fui bem acolhida. No ano seguinte soube das oficinas, do Programa Cultura de

Direitos. Comecei com a oficina de canto, logo depois, emendei com os cursos de aprendizado no violão e na percussão. Quero ir longe com o que aprendo aqui nas oficinas. Quero cantar profissionalmente e viver disso”, comentou.

O amor pela música contagiou as duas filhas, matriculadas nas oficinas de canto, violão, percussão, capoeira e mídias sociais.

“Minhas filhas adoram cantar. Isso me faz sonhar alto. Foi o sonho que eu tanto buscava para mim e para elas”, comemorou.

Silvia Santos não esconde a empolgação



não só pelo conteúdo das oficinas. Segundo ela, os instrutores são de alto nível e se preocupam com o bem-estar dos alunos. Ela conta que uma das filhas era tímida e ficou mais comunicativa após duas semanas de oficina.

“Minhas filhas adoram cantar. Isso me faz sonhar alto. Foi o sonho que eu tanto buscava para mim e para elas”

“Ela passou a se relacionar melhor com as pessoas. Isso graças às orientações dos instrutores, que são profissionais muito competentes. Quando notam que o aluno não está bem, conversam com ele e, se for o caso, o encaminham para o coordenador, que toma as providências. O foco aqui é a evolução do aluno”, analisou.



DONA LUCY E O FILHO RICARDO: ALEGRIA COM INCLUSÃO SOCIAL NO POLO DE BAMBUÍ

Pág. 7



Fotografia e designer, sonhos e aspirações do jovem Ramon

Pág. 4



A superação de Ruani através da oficina de Mídias Sociais

Pág. 5



MÃE DIZ QUE FILHO EVOLUIU NA ESCOLA COM OFICINA DE MÍDIAS SOCIAIS

Francisco de Souza Machado Sodré, 10 anos, sempre foi uma criança comunicativa e estudiosa, mas inquieta em casa, sempre em busca de uma atividade para preencher o seu tempo. A mãe, Adriana, s  pensava na possibilidade de matricular o filho em algum curso para ocup -lo no período em que ele não estivesse na escola. Quando soube das oficinas do Programa Cultura de Direitos, ficou animada com a variedade de cursos.

“São cursos de alto nível. Fiquei surpresa com a acolhida dos coordenadores e instrutores. Meu filho gosta muito das aulas de capoeira, teclado e m dias sociais, e ainda procura me ensinar algumas coisas do que aprende”, contou.

Adriana de Souza Machado não esconde o orgulho de ver o filho cada vez mais interessado no curso de m dias sociais. Segundo ela, as redes sociais podem se tornar ferramentas importantes para auxiliar no crescimento e no desenvolvimento educacional.

“Ele está sendo apresentado ao mundo virtual.   importante falar sobre os riscos de se expor neste ambiente, mas o melhor de tudo   a possibilidade que os estudantes têm para tirar d vidas,

encontrar referências para pesquisas ou mesmo desenvolver projetos no futuro. Tudo isso   muito produtivo e deve ser aproveitado”, comentou.

Adriana já imagina o filho tirando proveito do conhecimento da oficina para o futuro profissional.

“As m dias sociais estão inseridas em todos os níveis profissionais. Todos dependem delas para evoluir. Meu filho não se interessa somente por joguinho on line. Ele gosta de pesquisar, de conhecer ferramentas diferentes e saber para que servem. Essa curiosidade vem da oficina de m dias sociais. Isso não tem preço”, comemorou.



POLO DE BAMBUÍ GERA INCLUSÃO SOCIAL COM ALUNO QUE TEM SÍNDROME DE DOWN



Quando se mudou de Rio das Ostras para Maricá, há três anos, para fugir do aluguel, Lucy Borges da Silva, 75 anos, tinha mais uma preocupa o: proporcionar ao filho Ricardo Reis Borges da Silva, 46 anos, que tem Síndrome de Down, condi es de aprendizado, além de atividade física.

“Em outra cidade, ele praticava futsal, atletismo e vôlei. Isso gerava bem estar para o seu dia a dia. Aqui, a inclusão se d  por conta das oficinas de violão, canto, teclado e percussão. Os instrutores e coordenadores fazem ele interagir mais com outros alunos. A rela o   a melhor possível”, enfatizou.

Antes mesmo de matricular o filho nas oficinas do Programa Cultura de Direitos, Lucy procurou informa es sobre a metodologia de ensino dos cursos.

“Os alunos com certas peculiaridades precisam de estratégias especiais para ter um ambiente de aprendizagem positivo. Independente da idade, a vida deles   influenciada pelos recursos disponíveis e pela atitude das pessoas que vivem com eles, com quem convivem na comunidade e com as que os sustentam ou ensinam. Aqui, nas oficinas do Programa Cultura de Direitos, ele tem acesso a todos esses recursos”, disse, emocionada.

Lucy ressaltou que adultos com Síndrome de Down são adultos, em primeiro lugar, com as mesmas necessidades sociais, emocionais e de realiza o como outros adultos.

“Eles desejam viver com privacidade, independência e ter um papel útil em suas comunidades. Eles deveriam ter os

mesmos direitos que outros adultos. Quem tem Síndrome de Down gosta de ser tratado como qualquer outra pessoa da sociedade. Se eles tiverem oportunidade de ter muitas experiências na vida, estarão melhor capacitados para tomar decisões por eles mesmos”, concluiu.



EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publica o da Secretaria de Participa o Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Forma o Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colabora o n  01/2018./ Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunica o: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Colaborador: Rodrigo Nogueira e Silva/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: Marcia Marques da Silva M.E. / CNPJ 08.473.387/0001-05/ Rua Carlos Vianna, 401, Lojas 02 e 03, Rio das Ostras, CEP 28.893-464/ Inscri o Estadual 78220554 Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

CAPOEIRA LEVA CRIANÇA A INTERAGIR MAIS COM A FAMÍLIA

Mesmo novinha, Pérola Fonseca de Carvalho, 4 anos, já chamava a atenção dos pais Rafael e Renata com a fixação pela TV. Muita gente acharia normal nessa idade, mas os pais buscavam alguma atividade para a filha ocupar melhor o tempo. A oficina de Capoeira, do Programa Cultura de Direitos, chegou na hora certa.

“Não acho errado criança ver TV, mas é importante ter outras opções e ocupações durante o dia. A capoeira, assim como outras oficinas, são atividades importantes para a criança. O programa oferece conhecimentos que a criança pode levar para o futuro: dar aula ou influenciar para seguir em outras profissões. Ela mudou para melhor”, afirmou o pai, Rafael.

Empolgado com as oficinas, Rafael já faz planos para matricular a filha em outros cursos.

“Quero muito que ela faça cursos de música, como canto, percussão, teclado, sopro, além de mídias sociais, mas ainda é muito novinha para isso. Não vejo a hora de matricular minha filha nessas oficinas. O nível é muito bom e não se paga nada por isso. Esse programa é uma conquista para o município. Ocupa o tempo de



crianças, adolescentes e adultos, oferecendo ensino de qualidade e oportunidade melhor para o futuro”, analisou.

Além da ocupação durante o dia, Pérola passou a interagir mais com a família. A mãe, Renata, ficou surpresa com a transformação.

“Com a capoeira, ela ficou mais comunicativa. Chega em casa toda empolgada, querendo nos ensinar o que aprendeu na aula. Passou a conversar mais com a família, resultado do que aprende durante as aulas. Os instrutores e coordenadores são muito atenciosos com os alunos. Ajudam muito na educação das crianças”, comentou Adriana.

Assim como o marido, Adriana torce para ver a filha nas oficinas de canto, teclado e sopro. A mãe aposta no talento

de Pérola para a música que, segundo ela, contribui para o desenvolvimento psicomotor, sócio afetivo, cognitivo e linguístico, além de ser facilitadora do processo de aprendizagem.

“*Minha filha adora cantar. A música proporciona o aumento da sensibilidade de uma criança*”

“Minha filha adora cantar. A música proporciona o aumento da sensibilidade de uma criança, além de ampliar seu conhecimento e fazê-la descobrir o mundo à sua volta de forma prazerosa. Através do desenvolvimento da auto-estima, a criança aprende a se aceitar com suas capacidades e limitações”, analisou.

Aluno é destaque na percussão e toca 20 instrumentos em alto nível



Aos nove anos, Derick Bryant já batia em panelas e caixotes para acompanhar as músicas de sua autoria. O talento fez com que evoluísse, aos 12 anos, para o beatbox, a arte de imitar sons com a boca. Mesmo talentoso, demorou para descobrir um caminho mais profissional.

“Passei muito tempo trabalhando e estudando e não tinha tempo para mim. Um tempo para o lazer. Vivia no automático. Em alguns momentos, pensava em trabalhar com música, mas ficava com medo de não conseguir e ficar desempregado”, lembrou.

Foi preciso a indicação e incentivo de um amigo para Derick conhecer o Programa Cultura de Direitos. Quando soube da oficina de percussão, não pensou duas vezes.

“Faltava essa iniciativa, este ‘start’ para eu encontrar um curso de percussão. Sempre tive vontade de tocar um instrumento. O primeiro dia de aula foi uma alegria muito grande. Uma identificação sem tamanho”, comentou.

Para quem só tinha intimidade com o violão, por influência do pai, em três meses, Derick já tocava 20 instrumentos. Em alto nível.

“Lembro da desconfiança dos meus pais quando cheguei em casa anunciando a minha vontade de fazer faculdade de Música. Minha mãe alertou para as dificuldades de emprego de um músico e pediu que eu pensasse melhor. Algumas semanas depois, eu cheguei em casa tocando pandeiro e tamborim. Era o que faltava para ganhar o apoio da família”, disse, orgulhoso.

Os planos com a música vão além de

apresentações em conjuntos musicais. Derick sonha em dar aula em faculdades.

“Gosto muito de explicar para alguém como gerar determinado ritmo. Isso não tem preço. Descobrir e incentivar novos talentos faz parte dos meus projetos”, adiantou.

Derick Bryant lembrou de alguns alunos da oficina de percussão que tiveram suas vidas transformadas.

“Muitos adolescentes que estavam no mau caminho, devido à falta de oportunidade de estudar e trabalhar, encontraram motivo de sobra para buscar novos rumos na vida. Isso tudo com a música. Sem falar das oficinas de mídias sociais, vídeoarte, capoeira, entre outras, que resgatam as pessoas para o bem e as colocam em outra realidade, passando a sonhar com uma vida melhor. Isso aqui não tem preço. E não tem mesmo. É tudo de graça”, brincou.



Fotógrafo faz vídeoarte para ampliar campo de trabalho



Ramon Correa, 16 anos, não esconde de ninguém sua paixão por fotografia. Depois de três anos trabalhando como fotógrafo e buscando cursos profissionalizantes na área, fez a matrícula na oficina de vídeoarte. Começou com produção e edição – a oficina oferece ainda cursos de fotografia, roteiro, direção, sonorização e iluminação.

“Este ano me matriculei nas oficinas de fotografia e edição. Gosto muito. Estou aprendendo técnicas que serão importantes para minha evolução profissional. Sem falar nas dicas que o instrutor passa para os alunos. Ele orienta e melhora o nível do nosso trabalho”, frisou.

O aluno ressaltou que todo o conhecimento que adquiriu na oficina de vídeoarte será fundamental para a faculdade de designer gráfico que

pretende fazer.

“Para quem trabalha com vídeo, fotografia e imagem, o campo de trabalho é muito grande. As oportunidades aumentam consideravelmente. O melhor de tudo é que os instrutores indicam trabalhos para os alunos. Quero melhorar o meu patamar para merecer boas oportunidades”, prevê.

Ramon Correa elogiou a estrutura da oficina de vídeoarte. Segundo ele, os equipamentos são sofisticados, o que aumenta ainda mais o estímulo para o aprendizado.

“O contato com os equipamentos já transforma o dia de quem gosta de fotografia e vídeo. Sem falar no conhecimento passado pelos instrutores. Hoje, eu tenho um outro olhar de trabalho com a experiência que eu venho

adquirindo aqui. A oficina de vídeoarte foi um divisor de águas na minha vida. Era isso o que eu queria para a minha vida. Aprender tudo de fotografia com grandes profissionais”, comemorou.



Ruani aplica conhecimento de Mídias Sociais para vender mais roupa



Ruani da Silva Santos, 26 anos, sofre de depressão há cinco anos. Já passou por períodos críticos, segundo ela. A boa notícia é que há quase um ano a baixa autoestima vem sendo substituída pela alegria em participar das aulas de mídias sociais, percussão e capoeira.

A depressão é uma doença silenciosa, muitas vezes incompreendida, inclusive por quem sofre do problema. Especialistas apontam que exista uma epidemia de depressão no mundo. Mas esta realidade está longe do dia a dia de Ruani.

“Eu faço tratamento no Rio de Janeiro, mas é aqui que encontrei a solução. Os instrutores e coordenadores me ajudam muito, com carinho e atenção. Não que eu não tenha isso em casa, mas aqui o carinho vem pelo reconhecimento e apoio que eles me dão para eu superar a depressão. Aqui foi um levante na minha vida. Fico feliz e me empenho ao máximo para aprender tudo

de mídias sociais, percussão e capoeira”, comentou.

Para superar o desemprego, Ruani aplica o que aprende na oficina de mídias sociais na produção de um site.

“Comecei com um blog, agora vou produzir um site e entrar para o Instagram para melhorar o meu negócio de venda de roupa. O instrutor está me ajudando. Vou trabalhar por conta própria. Estou numa nova fase na minha vida e as oficinas são fundamentais nessa transformação e superação”, avaliou.

Ruani elogiou a iniciativa da prefeitura em implementar as oficinas, do Programa Cultura de Direitos. A aluna destacou a grande procura que acontece no período de matrículas.

“São pessoas de todas as idades que procuram conhecimento que podem levar

para o futuro. É bonito ver um idoso tocando violão ou atento à aula de mídias sociais no meio de crianças e adolescentes. Tudo isso de graça”, exaltou.

